

GIRASSOL SANT`ANA

**DUAS PROPOSTAS DISTINTAS DE TRADUÇÃO PARA O CONTO *LA FUGA*, DE
CARLOS ENRÍQUEZ, SOB O PRISMA DA TEORIA DO ESCOPO**

CURITIBA
2008

GIRASSOL SANT`ANA

**DUAS PROPOSTAS DISTINTAS DE TRADUÇÃO PARA O CONTO *LA FUGA*, DE
CARLOS ENRÍQUEZ, SOB O PRISMA DA TEORIA DO ESCOPO**

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do Curso de Letras Português/Espanhol – Bacharelado em Estudos da tradução da Universidade Federal do Paraná - UFPR.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Terumi Koto B. Villalba

CURITIBA
2008

Dedico esta monografia a minha família.

AGRADECIMENTOS

À minha família,
pelo apoio constante e incentivo a seguir e realizar meus próprios desejos.

À minha orientadora Terumi Koto,
pela orientação, inspiração, ajuda e paciência.

À muitos professores,
pelo apoio, ajuda, incentivo e inspiração que foram fundamentais para minha formação.

A todos os meus amigos e colegas,
por estarem lá.

*Pródiga e bela língua a nossa que tanto
mais é capaz de dizer quanto mais a
retorcem e traquejam.*

José Saramago

RESUMO

Esta pesquisa se propõe a fazer duas traduções do conto “La Fuga” do escritor cubano Carlos Enríquez. A primeira tradução tem o propósito de manter a história original do conto, que passa em Cuba, em 1917 na Revolução da *Chambelona* e a segunda de adequar a história ao movimento estudantil brasileiro de 1968. Ambas as traduções têm finalidades distintas. Na primeira, é fazer com que o leitor se sinta imerso num período histórico de Cuba e a finalidade da segunda é fazer com que o leitor se sensibilize de uma maneira distinta, pelo fato do conto estar ambientado no Brasil da década de 1960. Ambas terão como base teórica a Teoria do Escopo de Hans J. Vermeer. O objetivo do trabalho é mostrar que um texto pode ser traduzido de diferentes maneiras e não apenas da maneira como muitas pessoas acreditam que a tradução deve ser feita: literalmente ou palavra por palavra.

SUMÁRIO

RESUMO.....	iv
INTRODUÇÃO	1
1. Primeira Parte	4
1.1. Biografia de Carlos Enríquez	4
1.2. Contextualização Histórica do Conto.....	4
1.3. Contextualização Histórica da Segunda Tradução	5
2. Segunda Parte	8
2.1. Embasamento Teórico.....	8
3. Terceira Parte.....	12
3.1. Primeira Tradução.....	12
3.2. Segunda Tradução.....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
BIBLIOGRAFÍA	44

INTRODUÇÃO

A tradução é um tema cada vez mais debatido na atualidade. A concepção de tradução que prevaleceu durante muitos anos foi a da tradição logocêntrica, que defende a superioridade do “original” sobre a tradução. Essa tradição condena a tradução a ser sempre infiel, de menor importância e sempre insatisfatória em relação a um original idealizado e por isso inatingível. Nessa concepção de tradução, os tradutores eram vistos como meros responsáveis por fazer um transporte neutro do “original” para outra língua. Não cabia a eles emitir nenhum tipo de opinião em relação ao “original”, já que este possibilitava apenas uma única interpretação: a de seu próprio autor. Nesta concepção, os fatores extralingüísticos não eram considerados relevantes. A tradição logocêntrica havia imposto como estáveis alguns conceitos, como por exemplo, o significado e o significante; o sensível e o inteligível; a origem do ser; etc.

A partir da década de 1970 passa a existir uma preocupação com o estudo da recepção e o efeito produzido pelo texto de chegada. É a chamada “Estética da Recepção” (cf. Iser 1976 e 1987; Jausss 1973; 1975). Por esse período aparece a Teoria do Escopo.

Em 1984, Hans Vermeer desenvolve a Teoria do Escopo. O objetivo era criar uma teoria geral de tradução. Essa teoria relaciona diretamente a tradução com o seu escopo. Aqui o texto de partida passa a ser visto como uma oferta informativa para um determinado receptor. Quem determina a finalidade da tradução é o tradutor, visando às necessidades do receptor. O original, nessa teoria, perde a posição de destaque. É evidente que é dele que se retira a informação que se deseja transmitir, mas já não é ele quem determina como será a tradução. A visão logocêntrica que tinha como foco a centralidade da palavra, das idéias, dos sistemas de pensamento, a compreensão como matéria inalterável, fixadas no tempo por uma autoridade qualquer exterior, perde seu prestígio.

As verdades que o logocentrismo agrega são sempre tomadas como definitivas e irrefutáveis enquanto na Teoria do Escopo não existe uma interpretação fechada do texto. Nesse modo de ver a tradução passa a existir uma preocupação constante com fatores extralingüísticos. Aqui as verdades absolutas já não existem.

Muitas escolhas passam a variar de acordo com cada situação.

Traduzir é interpretar e a interpretação depende de uma combinação de fatores extralingüísticos. A interpretação ocorre, somente, no momento da recepção.

A Teoria do Escopo é um “método de tradução” que possibilita ao tradutor justificar todas as decisões tomadas em uma tradução. Ela é uma fórmula, na qual a tradução varia de acordo com o escopo. Nessa concepção a tradução é desenvolvida tendo como foco o receptor do texto.

O objetivo do presente trabalho é mostrar que existem muitas maneiras de fazer tradução. Uma tradução pode transportar não apenas as palavras de um idioma a outro, mas também os sentimentos, a cultura e as sensações de um povo. Para evidenciar que a tradução não-funcionalista é limitada, este trabalho propõe duas traduções de um mesmo conto, com o objetivo de sensibilizar o receptor de formas diferentes. Para a realização das duas traduções será utilizada uma única teoria: a Teoria do Escopo. Mesmo tendo como ponto de partida o mesmo conto, o objetivo é causar efeitos diferentes em um mesmo receptor.

1. PRIMEIRA PARTE

1.1. Dados Biográficos de Carlos Enríquez

O escritor cubano Carlos Enríquez nasceu em 1901 em Zulueta, província de Las Villas. A maior parte de seus estudos foi realizado nos Estados Unidos. Mais conhecido como pintor, integrou o grupo dos renovadores das artes plásticas. Foi considerado um dos melhores artistas da plástica cubana.

Em 1927, dois anos após ter regressado a Cuba, teve dois quadros de nus femininos retirados de uma exposição por serem considerados de um realismo exagerado. Essa repressão ocorreu mais de uma vez, o que o levou a sair de Cuba e ir para a Europa. Nesse momento em que viveu na Europa recebeu influência de várias vanguardas.

Voltou a Cuba em 1934 e já não voltou a sair de lá. Em 1935 começou a direcionar seu trabalho para o mundo rural dos cubanos.

Além de pintar, também escreveu vários contos, entre eles o conto “La Fuga” que obteve menção no concurso *Hernández Catá*.

Carlos Enríquez morreu em Havana em 1957.

1.2. Contextualização Histórica do Conto

O conto *La Fuga*, do escritor cubano Carlos Enríquez, foi escrito na primeira metade do século XX. A história se passa em 1917 em um período de conflitos em Cuba. Para compreender melhor a densidade do conto é necessário saber um pouco da história que antecede este período.

Em 1898 a Espanha perde sua última colônia, Cuba. Esse fato não significou a independência de Cuba. A ilha só estava passando para outro senhor colonial: os Estados Unidos da América. Nos três anos que seguiram, Cuba foi militarmente ocupada e administrada pelos Estados Unidos, sendo proclamada

como república somente em 1902, apesar dos Estados Unidos seguirem com o direito de intervir militarmente na ilha a qualquer momento. A política em Cuba nos 60 anos que transcorreram foi determinada pelos EUA, que em algumas ocasiões mandaram suas tropas para a ilha. Cuba não foi dominada pelos EUA somente no que dizia respeito ao território, mas também na sua economia. Sendo constantemente explorada por este país. Mesmo tendo conseguido a independência da Espanha, as coisas continuaram iguais, pois os norte americanos ficaram com os latifúndios e os cubanos com o trabalho. Dessa maneira, a condição de vida da população era assustadora.

Cansados dessa situação, os cubanos começaram a lutar contra o imperialismo, procurando defender seus próprios interesses. Em 1916 ocorreram as eleições para presidente e o partido liberal, tendo como candidato José Miguel Gómez, foi derrotado devido a uma fraude por parte dos conservadores. Os cubanos indignados e inconformados começaram uma guerra civil em fevereiro de 1917. Essa revolução foi chamada *La Chambelona*, por representar o hino criado pelos liberais nas eleições de 1916, contra os conservadores. A versão original deste hino continha muitos insultos contra o presidente nomeado, García Menocal. Nessa revolução, os liberais capitaneados por José Miguel Gómez, se dispunham a conquistar através das armas o poder que os conservadores obtiveram de maneira fraudulenta nas eleições.

1.3. Contextualização Histórica da Segunda Tradução

A segunda tradução do conto cubano foi realizada tendo como pano de fundo o Movimento Estudantil de 1968 no Brasil. Mais precisamente pensando na sexta-feira sangrenta, que ocorreu no dia 21 de junho de 1968. Para compreender melhor este movimento é necessário recordar algumas coisas que ocorreram antes.

Em 1964 se instaura no Brasil a Ditadura Militar. O golpe militar contou com o apoio praticamente unânime das classes dominantes e de alguns setores da classe média e tinha como objetivo acabar com o populismo e com isso, a interrupção da ascensão política das classes trabalhadoras. No início, a militarização do Estado era algo provisório, mas que com o tempo foi perdendo esse caráter. No

dia do golpe militar o prédio da UNE (União Nacional dos Estudantes) é incendiado e os estudantes passam a ser alvos do regime militar.

Em resposta a repressão militar começa a aparecer, ainda de maneira desarticulada, a oposição dos estudantes ao caráter violento do regime. O regime não se abala e continua com o objetivo de extirpar a subversão identificada no meio estudantil. Para isso, aplica algumas medidas para impedir as atividades políticas no meio universitário.

Durante todo o período de governo de Castelo Branco, presidente do Brasil de 1964-1967, foram adotadas diversas medidas para tentar impedir e conter passeatas, congressos da UNE e outras formas de protesto que o governo interpretava como uma ameaça à segurança interna. Tais medidas só intensificaram a indignação dos estudantes provocando mais revolta entre eles.

Quando Costa e Silva assumiu a presidência em 1967, as revoltas estudantis estavam mais acentuadas devido ao descaso do governo em relação às Universidades, mas a política inicial de governo do atual presidente era o diálogo.

Depois do golpe de 64, a fim de conseguir subsídios para a reforma universitária, o governo estabelece acordos entre o MEC (Ministério da Educação e Cultura) e a United States Agency for International Development (USAID). Estes acordos previam o suporte de técnicos estrangeiros para auxiliar o governo militar na formulação de uma nova política educacional. Todos estes acordos, chamados acordos MEC-USAID, foram realizados com o máximo de cautela e sigilo.

No início de 67 a renovação do acordo MEC-USAID deixou de ser sigilosa e passou a ser um dos alvos mais freqüentes do movimento universitário. Uma das metas deste acordo era o ensino superior pago.

Após as primeiras manifestações de rua em 1967, o governo Costa e Silva opta por medidas mais repressivas, como por exemplo, a proibição do 29º Congresso da UNE.

No final de março de 68, após um confronto entre militares e estudantes no restaurante Calabouço, Edson Luis, um estudante, morre. A partir daí, os estudantes intensificam os protestos e ganham a adesão de trabalhadores, pais e mães. Muitos dos protestos que seguiram ao da morte de Edson Luiz foram combatidos pelos militares com o uso da violência. Em muitos casos estudantes foram presos e torturados.

No dia 21 de junho de 1968 ocorre uma manifestação no centro do Rio de Janeiro que ficou conhecida como sexta-feira sangrenta. Esta manifestação tinha como reivindicação o aumento de verbas nas Universidades. Neste conflito muitos estudantes e policiais foram mortos. Naturalmente o armamento dos estudantes era mais simplório. Lutavam com paus, pedras, coquetéis molotov e atiravam o que aparecesse pela frente, ao contrário dos policiais que possuíam armas de fogo.

Após a sexta-feira sangrenta, muitos estudantes considerados líderes estudantis, passaram a ser perseguidos com mais vigor pelos militares. Muitos foram presos e torturados.

2. SEGUNDA PARTE

2.1. Embasamento Teórico

A frase italiana *traduttore, traditore* que significa “tradutor, traidor” foi e continua sendo usada para dizer que não se pode confiar em uma tradução por ser uma copia infiel do “original”. Podemos considerar tal afirmação como verdadeira? Uma tradução sempre será infiel e de menor importância se comparado ao seu “original”?

Se pensarmos na Teoria desenvolvida por Hans J. Vermeer em 1984 podemos perceber que nem sempre essa afirmação pode ser considerada como verdadeira.

A Teoria do Escopo de Vermeer é uma teoria geral de tradução, como afirma o próprio autor. Nesta concepção de tradução muitos valores mudam. A tradução literária, no caso deste estudo, deixa de ter a dependência total de um texto de partida e passa a ter mais autonomia, pois o tradutor pode ser o responsável por definir qual será a finalidade da tradução e para qual receptor se esta traduzindo um determinado texto. É importante lembrar que o tradutor, apesar de ser mais independente, deve conservar algo do texto de partida, pois é dele a mensagem que será transmitida a um determinado receptor. O foco passa a ser o receptor e não mais o texto de partida.

Nesta teoria o texto passa a ser considerado como uma oferta informativa, já que oferece uma determinada informação a um determinado leitor. Todos os aspectos relacionados à linguagem, à cultura, à situação em que um determinado texto foi escrito, influenciam no resultado de uma tradução, por isso existem muitas considerações que devem ser feitas por um tradutor no momento de realizar uma tradução. Algumas vezes aspectos culturais, lingüísticos, situacionais e morais devem ser repensados e reestruturados. O princípio fundamental de uma tradução é a sua finalidade ou o seu escopo. Ou seja, a tradução depende diretamente da reação que se quer causar em um determinado receptor.

Para definir o escopo de uma tradução é necessário conhecer muito bem o receptor ao qual esta tradução está destinada. Podem existir diferentes escopos para diferentes partes de um texto e inclusive podem ser diferentes do escopo do texto de partida.

A primeira tradução do conto de Carlos Enríquez foi realizada tendo como escopo mostrar um conflito ocorrido em Cuba, para que seus receptores, no caso, brasileiros, possam tomar conhecimento de um período pelo qual Cuba passou. Já na segunda tradução do mesmo conto, o escopo não é mostrar um período histórico de Cuba, e sim fazer com que o receptor possa sentir de uma maneira mais intensa a história. O fato de que a tradução esteja situada no Brasil e de que muitas pessoas vivenciam o movimento estudantil de 68, permite a aproximação do leitor ao texto.

Voltando à frase de que o tradutor é um traidor, o quê pensar de uma tradução que está ambientada em outro lugar? A tradição logocêntrica diria que isso é um absurdo, já que não se pode modificar absolutamente nada do original. Por outro lado Vermeer, em sua Teoria do Escopo, afirma que é possível e que não é nenhum crime, dependendo é claro, do objetivo do tradutor ao realizar determinada alteração.

As línguas não são estáticas, elas vão mudando no decorrer do tempo. Algumas com maior ou menor intensidade. Muitos textos com o passar dos anos se tornam obsoletos porque a linguagem usada no momento da composição já está em desuso. Pensando nisso, podemos dizer que a tradução é a única maneira de fazer com que um original sobreviva, pois o traz de uma linguagem obsoleta e incompreensível para boa parte da população, para uma linguagem atual ou, pelo menos, compreensível. Vamos supor que um tradutor tenha uma tarefa de tradução: traduzir um texto do grego antigo para o português. É evidente que o tradutor não vai manter os arcaísmos do texto de partida, exceto se o escopo do tradutor for causar um profundo estranhamento no leitor, pois tais arcaísmos tornariam a compreensão do texto praticamente impossível para muitos, ou então teríamos que ler tal texto com um dicionário ao lado, o que faria com que não nos concentrássemos no texto e sim nas palavras difíceis que encontramos nele. O quê podemos considerar como maior traição ao “original”, que a tradução não o torne legível pela complexidade das palavras ou facilitá-las para que o leitor possa compreender a mensagem?

Quando Carlos Enríquez escreveu o conto “La Fuga”, qual era sua preocupação? O que pretendia causar no leitor? Talvez o mesmo sentimento produzido no receptor brasileiro que leia a segunda tradução. Isso significa que a segunda tradução conserva um sentimento parecido ao do texto de partida, embora o contexto tenha sido alterado.

Muitos personagens do conto de Carlos Enríquez são reais, tais como José Miguel Gómez, García Menocal, mister González e outros. O mesmo ocorre na segunda tradução do conto que apresenta muitos personagens reais da história brasileira.

O leitor deste trabalho pode estar se perguntando qual das duas traduções é mais fiel ao texto de partida. A resposta é bastante simples: ambas. Depende do escopo de cada uma.

Para chegar a uma teoria geral de tradução Vermeer detectou vários “problemas” de tradução, ou seja, fragmentos de um texto que podem causar limitações no momento da tradução, ou por conterem uma palavra específica de uma língua e que não exista um correspondente na outra língua ou por dependerem de fatores culturais para a compreensão ou ainda outros fatores. Com base nestes problemas de tradução Vermeer pensou em uma teoria que abrangesse todos os problemas de tradução e que pudesse resolvê-los. Ao ter claro o objetivo de uma tradução fica mais “fácil” tomar algumas decisões na hora de traduzir e inclusive fazer algumas alterações necessárias, porque sabemos que cada palavra não tem um correspondente perfeito em outra língua. Se fosse assim, poderíamos facilmente re-traduzir um texto para o seu original e o original voltaria a ser idêntico ao que era. Pode-se dizer que não deixa de ser verdade que existem perdas nas traduções, mas também existem ganhos. O que se perde em um lado pode ser compensado em outro.

Antigamente o tradutor não tinha tanta independência no momento de traduzir. A visão de tradução que prevaleceu por muito tempo condenava o tradutor a ser um mero “transportador” de uma língua à outra. Tal transporte não implicava em perdas. O texto transportado deveria ser exatamente igual ao “original”, pois não cabia ao tradutor realizar suas próprias interpretações do texto. Ele apenas transportava de uma maneira neutra, sem emitir qualquer tipo de opinião ou influência. Era alguém que estava a serviço do original.

A Teoria do Escopo segue uma direção contrária à visão logocêntrica , pois o receptor passa a ser o centro das atenções e não mais o texto de partida. Sabemos que em qualquer texto podemos encontrar, mesmo que implicitamente, a interpretação do autor ou do tradutor. Nem sempre a compreensão que efetuamos de um texto é a mesma proposta pelo autor. Os textos possibilitam diferentes formas de leitura, depende de cada receptor. Uma mesma pessoa pode ler o mesmo texto de maneiras distintas porque a situação em que se encontra esta pessoa no momento da leitura também muda. Ou seja, considerar que um texto só possa apresentar uma única leitura e que o tradutor consiga realizar uma tradução sem nenhuma marca da própria compreensão é algo bastante improvável, para não dizer impossível.

Como o tradutor pode ser considerado infiel se a interpretação de um texto não é única? Quem pode afirmar que a interpretação do tradutor está equivocada? Além do próprio autor do texto - que muitas vezes, com o passar do tempo, passa a compreender seu escrito de maneira distinta - ninguém.

As duas traduções do conto cubano são tentativas de provar que um texto pode ser traduzido de maneiras diferentes e pode sensibilizar o receptor de maneiras distintas, pois os escopos não são os mesmos, embora tenham o mesmo texto de partida.

3. TERCEIRA PARTE

3.1. Primeira Tradução

A FUGA

<<A Chambelona>>¹ surpreendeu Nacho de la Calórica galopando no limite da lei. Camponês de Guaracabulla, e <<traficante de gado>>, da infância só teve o prazer de um pequeno facão e seu nome simplificado. Selas duras, intempéries, noites de traslado vaqueiro, arrastaram-no vertiginosamente a uma puberdade rude e andante sem mais indícios de temor que um <<casal>> abandonado no caminho solitário.

Das patas de seu cavalo surgiram os caminhos de fugas misteriosas que se perderam pelas colinas trinitárias², ou pela várzea de Manicaragua onde o vale profundo o separava da justiça. Se existia esconderijos, nunca ninguém ficou sabendo, mas quando havia charque de qualidade na mesa cubana, um sorriso e um <<adeus meu compadre!>> saudavam sempre o caminho daquele sombrio camponês.

Em Tunas de Zaza, José Miguel³ havia colocado em suas mãos um Springfield⁴ novinho. Tocavam os acordes em ritmo de rumba da <<Chambelona>>, corria o rum espirituano⁵, cavaleiros que traziam as notícias chegavam com as bestas brancas de espuma, a cavalaria se aglomerava ao redor do chefe supremo, e o ruído seco dos disparos de pistola deixava claro que o Estado Maior <<ainda jovem se lançava no campo da revolução...>> Nesses momentos preciosos, quando

¹ Chambelona foi um hino liberal, utilizado nas eleições de 1916, contra García Menocal. Pouco depois das eleições, este hino deu nome a uma guerra civil chamada Revolução da chambelona, na qual os liberais, capitaneados por José Miguel Gómez, se dispunham a conquistar através das armas, o poder roubado devido a fraudes.

² Referente a Trinidad, em Sancti Spíritus, Cuba.

³ Referencia ao general José Miguel Gómez, do partido liberal de Cuba.

⁴ Fuzil criado nos Estados Unidos da América no ano de 1903, o Springfield M1903 foi a arma padrão do exército americano durante a Primeira Guerra Mundial.

⁵ Espirituano são todos os naturais de Sancti Spíritus, Cuba.

se presente uma página histórica e os heróis que mais tarde serão moldados em bronze tremem, num momento desses que o General, entregando-lhe o rifle, disse: <<Pega, Nacho! Eu direi que você perdeu algumas reses, mas já sabe como Menocal⁶ te quer... Vamos ver que classe de vila-clarenho se deixa capturar com isso nas mãos...!>>

E agora, nos momentos decisivos, encurralados, capturados na emboscada do Caicaje e com todos os caminhos cobertos pelo fogo das metralhadoras inimigas, Nacho de la Calórica estremeceu-se enquanto apertava entre suas mãos o rifle. As palavras de José Miguel correram por seu sangue com a precisão de uma mensagem telegráfica. O cardiograma ficou encrustado no seu cérebro: <<Se te fazem prisioneiro te matam>>.

Não havia tempo a perder, o coronel Collazo⁷ concentrava o fogo sobre a tropa, o armamento dos <<rebeldes>> era antiquado, se rumorejava a rendição de um momento para o outro. Tinham que atuar e rápido. Viu o cabo Longinos perto, dois mortos mais para lá de onde ele estava escondido, apontava e disparava com o sangue frio de quem se diverte num clube atirando no pratinho. Respondendo ao chamado de Nacho, engatinhou pelo terreno com perícia militar até emparelhar-se com seu companheiro:

- Esta gente acha que ainda estamos na Guerrilha de Agosto⁸! – disse -. Olha que vir lutar com arma branca...! Pra falar a verdade, é preciso ser muito valente.

- Era de se esperar com estes pilongos⁹... miguelistas¹⁰! Crêem que a revolução é briga de facão e porco assado – comentou Nacho.

- É a influência que o General tem, sabe? Por onde quer que passe até os inválidos vão atrás. E eu disse pra ele no momento em que enfileirei a tropa: << Esta gente, impossibilitada e barriguda!>> Desse jeitinho, falei bem claro porque não me intimido pra falar com ninguém... Sabe o que me respondeu, né? Pois disse: <<As revoluções são populares, não militares>>, e começou a rir enquanto tirava um pouco de pó do meu uniforme.

- O que você acha? – explicou Longinos e abriu fogo para tirar a

⁶ Referencia ao general Mario García Menocal que foi presidente de Cuba (1912-1916; 1916-1920).

⁷ Referencia ao coronel Rosendo Collazo, chefe do distrito policial de Camagüey, Cuba.

⁸ Primeira revolução de Cuba republicana. Começou dia 17 de agosto de 1906 e durou apenas cinco semanas.

⁹ São chamados de pilongos, por costume, todo natural de Santa Clara, Cuba, ou toda pessoa batizada na Pia da Paróquia Maior de Santa Clara.

¹⁰ Partidários do general José Miguel Gómez.

<<coceira dos dedos>>.

- A questão não é essa, Cabo..., é que o Maioral¹¹ não vai com a minha cara, e se essa gentalha me pega – resmungou. Nacho, mostrando o campo inimigo – me fuzilam!

- Ou te enforcam!

- Bah! Muito trabalho: você sabe que nestes casos te aplicam a desculpa da Fuga.

As frases de Nacho, concluindo o pensamento do fugitivo, foram tão duras e sugestivas como um impacto a mais. Permaneceram pensativos alguns instantes adivinhando que entre eles não cabiam as falsas esperanças daqueles a quem julgavam. Estavam sentenciados de antemão: No quartel havia uma ordem: << Tragam ele morto>> - dizia.

O pensamento de Longinos pareceu caminhar em direção a um ponto distante onde o disparo de seu rifle semearia a morte. Sem olhar para Nacho desembuchou as palavras que justificariam o próximo tiro:

- O senhor sabe que eu fui um dos que interveio naquele assunto do Lavastida – disse -, por isso, mais nada... querem a minha cabeça!

O estampido serviu de acento para a palavra soez que retumbou em seus lábios.

O chumbo inimigo quicando nas pedras com seu estalido peculiar, a angústia dos feridos, a falta de disciplina e as ordens ásperas da Velha Guarda, <<rebeldes cruéis>>, como os chamava o Cabo, davam uma idéia justa do que sucederia se não se ordenasse uma retirada até um maciço, de onde se poderia cobrir a retirada <<no momento em que lhes desse por fugir>>.

- Na hora da dúvida, não alcançam os caminhos pra fugir daqui – observou Nacho.

- Como existem muitos que irão sossegar o peito nos cafundós...!

Enquanto isso o fogo de metralhadoras, ainda desconhecido pela maior parte daqueles camponeses, semeava o pânico nas filas. Cubanos bravos, capazes de <<rifar a vida>> diante do objetivo conhecido, se <<assombravam>> diante da máquina que consideravam <<elétrica>>. As mãos rígidas nos facões esperavam em vão o toque de corneta que se remetia às gloriosas cargas de outros tempos,

¹¹ Referencia ao general Mario G. Menocal.

mas as vozes de mandato insistiam: <<Firmes em seus postos! Fogo!>>

- Cabo: temos que sair daqui... e bem rápido! Diga: viu Fundora? – disse Nacho.

- Fundora? Olhe pra lá..., comendo terra naquela vala – respondeu o Cabo apontando em direção a um desnível do terreno onde havia vários mortos.

- Pobre! Algum dia tinha que chegar sua vez! Agora terá que ouvir o lamento da Candita – comentou Nacho cujo coração endurecido diante da tragédia o tornava fatalista. A visão relampejante de Palmenia, sua amante, atravessou sua mente, caminhando comodamente em uma bata rosada...

- Proteja-se se não quiser que te esfriem...! – gritou Longinos.

- Obrigado! Olha, vamos atirar naquele valentão dali..., está agüentando muito, quer reconhecimento! – respondeu Nacho, e colocando o rifle na cara disparou <<para sair das branduras do mulherio>>.

O Cabo secundou o disparo como um eco. Quando viram o soldado dar uma pirueta no ar com o crânio atravessado, soltaram uma gargalhada.

- E Crescencio, por onde anda?

- Com a escolta – respondeu Longinos.

- Vá até lá e diga que eu quero vê-lo imediatamente – ordenou Nacho -, logo, voltando-se, chamou um homem desavergonhado que escondido detrás de uma rocha disparava por capricho.

- Ei, Mongo: vem aqui, preciso falar com você!

O mencionado dirigiu-se com medo, olhando para todas as direções, fazendo caretas e gestos que indicavam a proximidade dos projéteis; agachando-se de novo, engatinhou até onde estava Nacho.

- Não são as balas que me impõem respeito, não... é esse gemido que trazem quando tropeçam – explicou -. Pra que veja como são as coisas, chefe... Agora que atirava num cabra, lá pertinho daquela plantação, vi que concentram o fogo por esse lado... sabe, cada vez que eu atirava de perto me fazia sinais com o chapéu. Palavra! Me doeria ter que quebrar este espelho...

- Não saia daqui! – Interrompeu Nacho -. Estou esperando Longinos e Crescencio... Temos que fugir!

- E o General?

- Nele não encostam nem um dedo se o capturarem! Pra gente tem pelo menos vinte cadafalsos...

- Ainda não nasceu ninguém que me coloque essa gravata – murmurou Mongo com ferocidade.

Logo chegou Crescencio com outro indivíduo chamado Sabino. Alto, escuro, de pômulos quadrados, no seu rosto se via refletido o guerreiro de sua raça.

- Vão pedir penico! – gritou com desprezo o recém chegado.

- Quê, bandeira branca? – interrogou Mongo.

- Claro! O quê mais pode ser? – confirmou Sabino.

Quando Longinos os uniu, colocando todo o grupo reunido, Nacho de la Calórica lhes falou. Acentuando sua arrogância de chefe bandoleiro, com a voz firme lhes disse:

- Não é que eu pense que eu seja o mais valente ou o mais indicado, mas quando dou uma ordem..., gosto que seja cumprida. Sou prático no terreno e se vocês quiserem me seguir, sairemos todos juntos aconteça o que acontecer!

- Por mim não tem problema... pode mandar, se não se intimidar saindo desse buraco – comentou Sabino.

Nacho o atravessou com um olhar retilíneo, sem responder, continuou:

- Temos que ir até o vale e nos apoderar de cinco cavalos, levar até o curral e dali picando espora passar diante do próprio focinho da companhia que guarda o caminho de Placetas. É a única saída! Pra dificultar-lhes o tiro viramos pra esquerda e vamos pro capim-guiné alto que tem no pasto. Se colocarem a cavalaria em cima da gente, nos separamos e nos encontramos depois no cruzamento do caminho de Zulueta... Estão com medo?

- Adiante! – a resposta foi unânime.

- Aos cavalos! – gritou Nacho, começando a andar.

Chegaram ao vale engatinhando por um campo que estava descoberto. Tiraram os cavalos da moita que os cobria, montaram em silêncio e quando Nacho gritou: Galopando! Os cinco cavaleiros se largaram no espaço produzindo um vento de quem deixa a morte para trás.

Quando terminaram o caminho só se via um rastro de pó. Tinham o aspecto duro das cavalarias que a fio de facão entraram na epopéia. Com a confusão produzida no campo inimigo, assustados diante do gesto desesperado que se produziu pelo fato de que lhes fizeram disparos às escuras, a chuva de balas ficou quatro palmos atrás dos cascos dos cavalos.

Desviaram para a esquerda e devido à erva guiné alta, que chegava até a

altura do arreio, conseguiram se esconder. Depois de um curto e frenético galope pelo pasto, onde os efeitos do tiro inimigo eram duvidosos, o camponês de Guaracabulla ordenou:

- Pro chão e não soltem os cavalos!

Foi feito como Nacho ordenava, só então comprovando que Mongo, tingido de sangue e com a clavícula atravessada perdia ruidosamente a vida por uma ferida. O ar do pulmão saía assoviando por um tremendo buraco, produzindo-lhe uma espuma avermelhada que definitivamente o atrasava em sua última fuga.

- Me deixem aqui! – disse -. Pra mim a revolução já acabou...

Seu organismo destroçado se inclinava no silêncio dos campos, sobre as raízes carnívoras que se nutrem com o sangue do ferido abandonado.

Nacho, em silêncio, observou seu camarada, o pequeno herói de cem combates que parecia impossível de se matar com um tiro. Ia sorrindo. Logo contou uma dúzia de soldados seguindo-lhes pelo caminho, os quais se faziam de barreira, ao que tudo indica com o propósito de bloquear a saída. Da barreira já não atiravam e a fuzilaria do Caicaje, diminuindo no momento, ouvia-se a uma grande distância.

- Os de lá parece que se rendem... e por aqui nos segue uma dúzia de amarelos... Vamos esfriar uns dois ou três para que levem o equipamento pro Mongo...! – resmungou ferozmente.

Fizeram uma descarga e viram cair dois homens. Atentos, ouviram as juras do resto da patrulha, logo o galope de seus cavalos distanciando-se.

- Vão embora!- murmurou Nacho, dirigindo-se a Sabino -. Leve-o na sua garupa! Deixaremos ele em seu sítio, logo ali em frente, pra que morra tranqüilo... Aos cavalos!

Ao entardecer, já tinham percorrido um longo trajeto, apesar da marcha lenta que lhes obrigava o ferido. Este, angustiado em sua agonia, sem reclamar, engatinhava em direção à morte no delírio de uma febre alta.

Com as últimas luzes da tarde contemplaram os telhados do povoado de Zulueta. Tinham que deixar o Mongo e decidiram permanecer aquela noite na própria cabana de Nacho. Estava mais ou menos há um quilometro do povoado, fincado nos barrancos da Guacacoa, e servia de quartel general aos rebeldes, fugitivos e a todo delinqüente que se encontrasse por aquela zona irreduzível.

Palmenia, mulher de Nacho, era uma dessas mulatas a quem o trópico havia presenteado com suas cores, com a exuberância de seus dias úmidos e o

rumor ardente de suas noites fogosas. Acostumada a situações semelhantes à atual, desde a chegada dos homens deixou o filho, de oito ou nove meses, para cuidar de Mongo. Aplicou os tratamentos fundamentais, próprios das feridas de bala que recebem na montanha, fugindo da justiça, unguentos, compressas e a sabedoria popular que prolonga a vida até o amanhecer.

Mongo, dessangrado, de vez em quando perdia o conhecimento para recuperá-lo num sorriso lívido que destacava o azul de sua barba. Enquanto isso, Palmenia explicava:

- As notícias que chegaram do Caicaje dizem que o general Gómez se rendeu com o Estado-Maior inteirinho..., que os levam como prisioneiros pra Havana... que vão fuzilá-los... que o mister González¹², entregou outra <<Nota>> dizendo que os rebeldes estão com os alemães..., que virão os submarinos..., bom, e não me lembro de todas as outras coisas...

- Bah! Besteira!..., besteira pura! – interrompeu Nacho -. Sobre o Caicaje deve ser verdade, porque logo depois de escapar, cessava o tiroteio..., mas sobre o Mister González, pura intriga do governo pra que as pessoas se entreguem...!

- Ouça chefe! Sem subestimar aos que estão presentes, mas minha opinião é que nos uníssemos às forças acampadas ao redor de Manacas – propôs Crescencio.

- De voltar atrás? Impossível! Seria jogar a cavalaria em cima por gosto – Nacho respondeu rápido -. Collazo agora tem a zona limpa pra agir. Com José Miguel preso, as pessoas começam a se apresentar..., e vamos encontrar com todo o exército na nossa cola, atrás de nós. Temos que atravessar o Zaza e entrar em Camagüey..., ali está Caballero, que até o momento ainda não se rendeu!

- Opino como aqui – apontou Longinos secamente.

O silêncio que se seguiu dava razão a Nacho. Só Mongo, em seu delírio, expressou temor de que lhe abandonassem. Sabino, dando-lhe uns tapinhas na perna, achou melhor consolá-lo:

- Não se preocupe: ainda que seja carregado te levaremos!

- Obrigado – sussurrou o ferido, ensaiando o sorriso do moribundo que engole a última mentira em forma de pílula.

Palmenia foi passar um pouco de café e cozinhar alguns quitutes.

¹² Referencia ao embaixador norte-americano.

Longinos foi montar guarda no atalho do caminho, preocupado com os calores do Mongo que lhe <<provocavam delírios>>; Nacho segurou um pouco o bebê, o filho passional da colina solitária, logo o colocou no chão da cozinha, que era um tablado escuro onde se reviravam entre a fumaça e a lama, os animais. O menino grunhiu para os cachorros com a ferocidade precoce de quem nasce disputando com a vida o palmo de terra onde se arrasta.

No começo da noite chegou um camponês para dizer-lhes: <<Não tenho novidades, mas andem com os olhos abertos, por via das dúvidas...! Mais tarde se apresentou um vizinho, o qual se supunha <<suspeito>>.

- Está correndo como rastilho de pólvora que o General entregou a revolução...! – disse -. Se comenta a intervenção americana..., e na minha maneira de ver as coisas, se eu fosse o senhor não andaria muito confiante: Ninguém sabe o que pode acontecer, ninguém! Siga meu conselho e levante acampamento que a coisa pode ficar quente de verdade...

- Isso eu farei quando seja conveniente! – interrompeu arrogante o chambelono¹³.

- O senhor é o chefe, o senhor manda; mas lhe previno que estão limpando a região – continuou o vizinho fincando um olhar falso sobre a postura arrogante do fugitivo.

Quando desapareceu absorvido pela noite sonora de grilos e espessa de presságios, Nacho ordenou:

- Crescencio: vigie este homem.

Passou um minuto em silêncio, atento aos rumores distantes e ao vento que se afia entre as frestas. A inquietude parecia ter se apoderado do seu espírito quando Crescencio regressou fumando um grande charuto. Sentou-se numa banqueta e pegou o maço que trazia na camisa. O olhar de Nacho o tirou de sua indiferença.

- Quis fugir... e tive que despachá-lo – explicou lacônico.

- Vai comprometer a todos nós...- observou Sabino.

- Bah! Nos comprometeria mais se fosse ao quartel desembuchar...

- Crescencio tem razão! – mediu Nacho -, nossas vidas ou a dele... isso é tudo.

¹³ Refere-se ao hino dos liberais.

Os quitutes, um pouco de carne salgada e uns tragos de aguardente, apressaram as primeiras horas da noite na qual esperavam um << desenlace fatal antes de clarear>>.

Antes de terminar o quarto de guarda no qual Nacho iria substituir Longinos, Crescencio e Sabino pareciam duas bestas escuras que roncavam largadas num canto do chão, junto a Mongo. A vida deste já não era nada além de uma flauta com um fraco sopro de ar.

Nacho permaneceu em seu posto até pouco mais de meia noite quando Crescencio veio fumar em seu turno com outro charuto enorme.

- Sabe? – disse-lhe -. O Mongo já não despertará mais...

- Já...?

- Mesmo assim, no momento em que o cabo Longinos voltou de sua guarda, colocou a mão na testa dele e disse: <<Queimando de febre, se segue assim não vê a alvorada!>> Fiquei acordado um bom tempo tocando-lhe de vez em quando... De repente, foi ficando frio, e frio... e frio! Quando chamei Longinos e Sabino, já estava duro como o enforcado de Guanijibe. Não abriu o bico nem pra pedir água! Depois, acabamos dormindo do seu lado... Como não se pode fazer velório...!

O relato de Crescencio fez com que Nacho voltasse lentamente à cabana. Pela sua cabeça passou a inquietude das responsabilidades. As idéias filtrando-se em seu coração o inundaram com a angústia do capitão que perde um homem.

Na moradia escura e silenciosa todos dormiam. Despertou seus dois companheiros, furioso, sem saber por quê:

- Bárbaros! – gritou-. Dormindo como leitões com um camarada morto aí...

- E que quer que a gente faça? – resmungou Longinos -. Não é possível fazer nada, nadinha...!

- Droga... uma vela que seja!

- Pra quê, se o pobre já está sentado do lado direito do Senhor? No melhor banco que existe no céu...!

As palavras de Longinos vibraram por um bom tempo nos ouvidos de Nacho, logo as repetiu como uma pequena oração cuja terna simplicidade comove.

Contemplou seus homens. Pálidos, sujos, barbudos, sob a luz do candelabro pareciam fazer sinais. Levantou-se, cobriu com um saco de juta a cabeça cadavérica de Mongo, depois apagou a mecha fumegante e hedionda, e se

pôs no chão a dormir, a roncar, a embrutecer-se como eles.

Antes do amanhecer, Palmenia fazia o café e Sabino abria uma fossa. Mongo se fundiu à terra que o reclamava. Antes de cobri-lo, Nacho lhe jogou o facão, Crescencio, o chapéu de palha. Sobre o terreno remexido e úmido de orvalho, o resto do grupo fez uma reunião.

- Partiremos imediatamente – propôs Nacho de la Calórica.

- Pra onde? - perguntou Longinos.

- Pra perto de Guaracabulla, saindo depois pra perto de Sancti Spíritus; daí, seguindo pro Sul de Jatibonico rumo ao Júcaro... O quê vocês acham?

- Conhece bem o caminho, chefe? – perguntou Sabino.

- Essa é a zona de seu negócio de gado – explicou o Cabo.

- Pois estaremos andando ao clarear... A essas horas todo o povoado já sabe que estamos aqui! – resumiu Nacho.

Os desígnios do sobrenatural que regem a alma cubana assustavam Palmenia; em seu silencioso ir e vir ocultava o sofrimento da separação com a transição matutina.

Alvorecia quando terminado o abastecimento montavam à cavalo. Nesse momento, chegou até eles, correndo, um menino parente de Palmenia que ainda teve tempo de gritar: << Fugam, que a rural vem procurar vocês... >> Os cavalos rompiam a neblina da madrugada fugindo como fantasmas que quisessem amanhecer em outros prados.

Mantendo um suave galope, propicio às montanhas, avançaram pelos campos onde o verde, o azul e o violeta distante iam envolvendo-os na confiança dos caminhos familiares.

As terras onduladas iriam movê-los até a costa sul, as montanhas da serra os aproximaria às laterais do Pico de Potrerillo, erguendo-se desde o fundo do vale de Manicaragua até perder-se nas nuvens de vento de 8 de março daquele ano dezessete.

Levavam meia hora escassa de galope, quando <<perceberam atrás deles>>, no caminho que deixavam nublado de pó rosa, um cavaleiro fazendo sinais. Frearam a cavalaria para encontrar a corajosa figura de Palmenia. Com os olhos acesos e levando o bebê amarrado numa manta que estava pendurada no pescoço, disse em tom humilde:

- Tive que vir..., tive que vir.

- Explique! Qual é a novidade...? - Nacho demandou exaltado.

- Nada, que me prenderiam também! E você sabe como o sargento estava me perseguindo..., sigo com vocês até encontrar um lugar onde não me persigam... Tá bom?

A lealdade e a decisão davam a sua cara uma luz que inspirava confiança e brios de heroísmo. Nacho consultou seus homens com o olhar. O grito rouco e viril emitido pelos três homens fez com que todos cravassem as esporas nos cavalos.

Conseguiram colocar a montaria de Palmenia entre a de Nacho e a de Longinos. Tirando os barrancos, os pântanos e os troncos a saltos, o caminho fez-se vertiginoso. Com a mão direita ela sujeitava o bebê, com a esquerda as rédeas que dirigiam aquele frenético galope. O orgulho de Nacho, nascendo do perigo, o fez estremecer ao perceber-se dono daquela valente fêmea, talvez, vibrando de paixão ao seu lado...

- Vire para a direita! – gritou a Sabino que liderava a marcha.

- Tem arame.

- Facão nele...!

- Sabino passou roçando a cerca. Levou com ele num formidável talho os quatro fios de arame como se fossem de vime. Quando todos passaram voltou a tomar a dianteira.

Correram por passadouros, campos de semeaduras, vales e até mesmo por pedregosos escorregadios; captaram notícias mais ou menos verdadeiras por aqui e por ali, más, boas, contraditórias, mas sempre obscuras. Parecia que ninguém podia situar às forças do governo; uns diziam << aí pertinho o caminho está cheio>>, outros, << siga em frente que o caminho está limpo... >> Perto das dez da manhã fizeram uma parada num sítio conhecido de Nacho, onde lhes prepararam o almoço. Os cavalos estavam acabados, impossibilitados de avançar um passo sequer se não lhes dessem descanso e alimento.

O velho Nemesio, veterano dos revolucionários, informou-lhes:

- Ao redor da serra não tem tropas, mas na região tem dois grupos de busca... Logo, no cair da tarde, vão para o caminho real de Sancti Spíritus e vão dormir no quartel do engenho...

- Se não fosse pelos cavalos...! – murmurou Nacho.

- E eu não posso emprestar nenhum, requisitaram eles, sabe? O melhor é que durmam de dia e caminhem de noite; o governo e a lei dormem cedo...!

- Que nada! Com a revolução entregue o melhor seria estar amanhã em Camagüey...

- Como queira. Mas pra mim que é uma loucura – objetou Nemesio dando a entender com um gesto o estorvo de Palmenia e do menino.

- Isso não! Se ela se dispôs, agora tem que seguir..., porque se a pegarem é morte na certa.

- Bom Nacho, saiba que é a pele de vocês. Sempre é possível remendar um buraco, mas um enforcamento ninguém pode consertar.

Por isso é necessário mudar de ares, nas montanhas de Camagüey ainda ninguém me conhece...

Às duas da tarde voltaram a montar mesmo com os cavalos esgotados. Destroçados, segundo o que dizia Crescencio. Perto das cinco, passo a passo, tinham feito apenas quatro léguas aproveitando atalhos e rodeando os passos ruins. Iam desmontar para acampar em uma clareira na montanha, quando Sabino, que servia de vanguardeiro, deu voz de <<inimigos a vista e pra cima de nós>>.

Foi inútil sangrar os cavalos com as esporas; um bramido de esgotamento indicou-lhes que estavam arruinados. Responderam apenas com um único galope, seus membros tremeram antes de render a vida. A poucos passos, o que Nacho montava caiu.

- Até a colina, como pudermos! – ordenou este enquanto corria para juntar-se a Palmenia.

A força se aproximava, adivinhando os movimentos dos fugitivos e tomou uma trilha que ia sair na clareira da colina onde eles pensavam esconder-se. Ao cair de cansado o cavalo de Sabino, vomitando um jorro de sangue, Nacho ordenou que abandonassem os animais e se escondessem no primeiro bosque que rodeava a pequena colina

- Vou dar trabalho pra que nos peguem nesta parada! – grunhiu Longinos ao ouvir o primeiro disparo da guarda rural.

- Olha que perder as bestas... quando mais falta faziam!

- Não se preocupe chefe – comentou Sabino animado -, no bosque a rural sempre leva a pior...

- São dez soldados e um sargento – interrompeu Crescencio -. A matança que vamos fazer aqui vão poder rastrear desde Placetas!

Nacho apertou o rifle, olhou Palmenia, seu filho, e uma contração de raiva

atravessou seu rosto:

- Viu só como nos cercaram – resmungou -, não ficava um cabra desses... se não fosse...Bah!

- Silêncio, se aproximam, todo mundo agachado! – avisou Crescencio.

- No momento em que se distanciarem... pra terra firme! Recomendou Nacho.

Os rurais seguiram o rastro fresco no bosque, estavam a menos de cinco passos. Algumas de suas palavras chegavam aos ouvidos dos fugitivos: << Nacho de la Calórica>>, <<cabo Longinos>>, <<telefone>>, logo, as gargalhadas, as quais ecoavam na colina.

O camponês de Guaracabulla acariciou o rifle, o Springfield novinho que lhe deu José Miguel.

- Te asseguro que vivos não nos pegam, chefe – disse Sabino fazendo florescer as frases de Tunas de Zaza no cérebro exaltado de Nacho.

- Sinto não ter fumado todos os charutos que herdei daquele pilongo... – um pouco desconsolado se queixava Crescencio, logo, ao acaso, seus olhos pousaram sobre Palmenia, que segurava o bebê nos braços.

Um pressentimento insano apoderou-se de seu cérebro. Voltou a olhar o bebê e ficou inquieto. O destino, como que para certificar a exatidão de seus temores, fez com que o bebê, até esse momento tranqüilo, começasse a fazer caretas de choro.

Todos se olharam, uns aos outros, pálidos, apertando o rifle e os dentes. A eventualidade de morrerem juntos parecia uni-los numa corrente de compreensão, o sangue espesso das grandes decisões os mandou a mensagem precisa: <<Até o fim>>. Então o sorriso floresceu nos lábios de todos menos nos de Nacho, que guardava um silêncio sombrio.

Um grito do bebê, cristalino, puro como um toque de corneta, rompeu o silêncio da montanha. Palmenia, pálida e atordoada, paralisada de pensamentos, colocou uma mão sobre a boca do filho.

Os rurais ouviram os gritos, observaram, fizeram caracóis com seus ouvidos; no mesmo instante, bateram as matas com mais vigor. Aproximavam-se.

- Naacho... se entregue... vai ser melhoor pra você...! – gritaram.

O bandoleiro rangeu os dentes de raiva. Sabia que estando sozinhos abririam fogo, logo lembrou das palavras do traidor da Guacacoa: << O senhor é o

chefe, o senhor manda...>> e as do velho Nemesio: <<... é a pele de vocês>>. Maldito destino que confiou em mim e me nomeou chefe!... me seguirem cegamente pra isso, pra deixar que me peguem numa emboscada...

Outro grito do bebê o colocou fora de si.

- Cale essa criatura! – rugiu.

Palmenia tapou a boca, o nariz, a cara do bebê, com toda a sua mão, com toda sua força. O olhar de Nacho a havia estremecido. Sem vontade, obedecia às ordens de quem estava pronto a jogar a vida fora por um capricho, mas incapaz de arriscar inutilmente a daqueles que aceitaram seu mando. Sentindo-se culpada, alienada, apertou com ainda mais força sobre a terna carinha do bebê. Seus olhos se nublaram como quando se banhava no rio e via as coisas turvas dentro da água, lhe apertava o coração... e apertou mais forte.

Logo ouviu como num sonho: <<se distanciam>>, <<agora podemos chegar na montanha!>>, <<tarde demais, já não faz falta... >>

Quando pensou compreender, os homens, pálidos, a rodeavam, descabelados e silenciosos dos pesadelos da água. Nos seus braços segurava o cadáver do bebê arroxeadado pela asfixia.

Ninguém disse uma palavra, nem ela. Deixaram o tempo passar.

Ao escurecer, Nacho chamou Longinos para dizer-lhe:

- A força do governo está acampada ao lado do caminho. De acordo com as observações que fiz não vão embora até topar com a gente... têm ordens de nos matar como cachorros selvagens. Antes que desponte o dia vão estar aqui de novo. Encurralados nessa clareira e sem cavalos, ninguém escapa..., por isso vou desorientá-los fazendo com que sigam outro caminho. Se me matam, assumo o comando, cuide de Palmenia...! Até mais!

Durante a quietude da primeira noite os fugitivos acamparam nos arredores da montanha. A intranquilidade, a expectativa e a morte os mantinham mudos. Eram umas nove horas quando ouviram um forte tiroteio em direção ao caminho real, logo um tiro isolado como de pistola.

- Mataram ele... – murmurou Longinos tirando o chapéu.

Crescencio e Sabino imitando o gesto do Cabo adivinharam a fuga da alma de Nacho até uma estrela distante. Palmenia, com o filho morto nos braços, interrogou com o olhar, mas já era o olhar distante da caçadora de almas no infinito.

Ao longe se ouvia o rumor de um pelotão em retirada.

Dois dias depois, um dos diários governamentais de Havana, dava a seguinte notícia:

<< Num feroz confronto mantido perto de Pirindingo as forças do governo destroçaram um numeroso grupo de rebeldes. Entre os cadáveres abandonados no campo pelo inimigo, foi encontrado o do bandoleiro e chefe do grupo, Nacho, chamado "de la Calórica", por ter nascido numa sala de máquinas no povoado de Zulueta. O cadáver foi trasladado ao referido povoado.

<< No combate, as heróicas forças do governo perderam cinco alistados. Tendo que lamentar também a irreparável perda do sargento Ignio Iglesias, muito conhecido nesta localidade. >> - O correspondente.

3.2. Segunda Tradução

A FUGA

<<É proibido proibir>> topou com Luisinho andando no limite da lei. Estudante da Guanabara e <<participante da resistência à ditadura militar>>, da infância só teve o prazer de um pequeno estilingue e de seu nome recortado. Noites em claro, intempéries e fugas repentinas, arrastaram-no rapidamente a uma adolescência rude e andante, sem mais indícios de temor que um <<casal>> abandonado no caminho solitário.

Das rodas de seu fusquinha apareceram os caminhos de fugas misteriosas que se perderam pelos caminhos da cidade, ou pela serra da Misericórdia onde o vale profundo o salvava da linha dura. Se existiam esconderijos, isso nunca ninguém soube, mas quando tinha uma boa carne assada na mesa carioca, um sorriso e um <<adeus companheiro!>> marcavam sempre o caminho daquele estudante misterioso.

Na Guanabara, Vladimir Palmeira tinha colocado nas suas mãos um coquetel molotov. Tocavam os acordes do <<É proibido proibir>>, tomavam a cachaça mineira, estudantes mensageiros chegavam inteiro suados, os integrantes do movimento se amontoavam ao redor do líder supremo e o barulho seco dos tiros de pistola deixava bem claro que o Estado Maior <<ainda jovem, entrava no conflito>>. Nesses momentos preciosos em que se pressente a escritura de uma página histórica e os poderosos que mais tarde serão esculpidos em bronze tremem, num momento desses que Vladimir, entregando-lhe o coquetel molotov, disse: <<Pega Luisinho! Eu direi que você cometeu pequenas infrações, mas você já sabe como Costa e Silva quer você...! Vamos ver que classe de carioca se deixa capturar com isso nas mãos...!>>

E agora, no momento crítico da manifestação, encurralados, presos naquela passeata no centro da Guanabara e com todos os caminhos cobertos pelo fogo das metralhadoras inimigas, Luisinho se estremeceu enquanto apertava entre suas mãos uma pistola. As palavras de Vladimir percorreram seu sangue com a precisão de uma mensagem telegráfica. O cardiograma ficou incrustado no seu

cérebro: << Se te prendem te matam.>>

Não tinha tempo a perder, Gama e Silva concentrava o fogo sobre os estudantes, as armas dos <<rebeldes>> eram antiquadas, rumorejava-se a rendição de um momento para o outro. Tinha que agir e rápido. Viu José Dirceu perto, dois estudantes mais para lá de onde estava escondido, apontava e disparava com o sangue frio de quem se diverte no clube atirando no pratinho. Respondendo ao chamado de Luisinho, espremeu-se com perícia entre a multidão até estar lado a lado com seu companheiro:

- Esta gente acha que essa revolução é um movimento qualquer – disse. Olha que vir armados de bastões e pedras...! Pra falar a verdade, é preciso ser muito obstinado.

- Já era de imaginar com essa gente... esquerdistas! Acham que revolução é brincadeira, como uma baderna qualquer – comentou Luisinho.

- É a influencia que tem Vladimir, sabe? Por onde passa todos o seguem. Até os inválidos. E isso eu já falei pra ele: <<Esta gente, barriguda e sem condições!>> Desse jeitinho. Eu deixei bem claro porque não tenho medo de falar as coisas pra ninguém... Sabe o que ele me respondeu, né? Pois disse: <<As revoluções são do povo e não dos militares>>, e começou a rir enquanto tirava um pouco de pó da minha roupa.

- O quê você acha? – explicou Dirceu e atirou para tirar <<a coceira dos dedos>>.

- A questão não é essa Dirceu..., é que o presidente não vai com a minha cara e se essa corja me pega – resmungou. Luisinho mostrando os militares – acabam comigo!

- Ou te torturam até morrer!

- Bah! Muito trabalho: você sabe que nestes casos dizem que você tentou fugir e...

As frases de Luisinho, concluindo o pensamento do fugitivo foram tão secas e sugestivas como um impacto a mais. Ficaram pensativos alguns instantes, pressentindo que entre eles não cabiam as falsas esperanças daqueles que julgavam. Estavam sentenciados de antemão. No exército existia uma lei: <<Façam-no desaparecer!>> - dizia.

O pensamento de José Dirceu pareceu fugir em direção a um ponto distante onde a bala de sua pistola semearia a morte. Sem olhar, Luisinho proferiu

as palavras que justificariam o próximo disparo:

- Você sabia que eu fui um dos que participou naquele protesto do Edson Luis – disse -, só por isso, e por mais nada, estão pedindo minha cabeça!

O estampido serviu de acento à palavra grosseira que seus lábios proferiram.

O chumbo inimigo ricocheteava nos prédios com um barulho peculiar, a angústia dos feridos, a falta de disciplina e a espera de ordens dos veteranos do movimento, <<rebeldes insensíveis>>, como José Dirceu os chamava, davam uma idéia precisa do que aconteceria se não ordenasse uma retirada em direção a algum lugar, de onde se poderia dar cobertura à retirada << no momento em que resolvessem fugir>>.

- Na hora do arrependimento, não alcançam os caminhos para fugir daqui – observou Luisinho.

- Assim como tem muitos que vão sossegar o peito em lugares incertos...!

Enquanto isso o fogo das metralhadoras, desconhecido ainda por boa parte daqueles estudantes, instaurava o pânico entre eles. Estudantes corajosos, capazes de <<perder a vida>> por um objetivo conhecido, se <<impressionavam>> diante daquela máquina que consideravam <<moderna>>. As mãos apertavam os bastões e as pedras, esperando em vão o toque de corneta que os remetia às conquistas gloriosas de outros tempos, mas as vozes de mando insistiam: <<Firmes nos seus lugares! Revidem!>>

- Dirceu: temos que sair daqui... e muito rápido! Diga uma coisa: viu Gildo? – disse Luisinho.

- Gildo? Olha lá...,

- Coitado! Algum dia isso ia acontecer! Agora vai acertar as contas lá no céu – comentou Luisinho, cujo coração endurecido diante da tragédia o tornava fatalista. A visão de Doralina, sua amante, atravessou seu pensamento desfilando com uma camisola branca...

- Se proteja se não quiser que te matem...! – gritou Dirceu.

- Obrigado! Olha, vamos enfrentar aquele soldado dali..., está resistindo muito, quer uma promoção! – respondeu Luisinho e jogou um coquetel molotov << pra fugir das branduras do mulherio>>.

Dirceu disparou em seguida, como um eco. Quando viram o soldado,

depois de uma pirueta, cair no chão pegando fogo, soltaram uma gargalhada.

- Escute, e Nilton Santos, por onde anda?

- Com o reforço – respondeu Dirceu.

- Vá até lá e diga que eu quero vê-lo já – ordenou Luisinho -, logo, virando-se, chamou um tipo malandrão que, protegido detrás de um prédio, disparava sem motivo aparente.

- Escute Honestino: vem cá, quero falar com você!

O evocado se encaminhou receoso, olhando para todos os lados, fazendo caretas e gestos que indicavam a proximidade dos projeteis; tornando a agachar-se, engatinhou até onde Luisinho estava.

- Não são as balas que me metem medo, não... é esse barulho que fazem quando tropeçam – explicou -. Pra ver como são as coisas, Luisinho... Agora mesmo, quando atirava umas pedras num cara ali pertinho daquela esquina, vi que concentram o fogo por este lado... Sabe de uma coisa? Cada vez que eu atirava de perto me fazia sinais com o boné. Sério mesmo, me doeria muito ter que quebrar esse espelho...

- Não saia daqui! – interrompeu Luisinho -. Estou esperando o Dirceu e o Nilton Santos... temos que fugir!

- E Vladimir?

- É bem improvável que façam alguma coisa com ele. Sabe muito! Vão querer arrancar informações, mas pra gente tem várias balas perdidas por aí...

- Ainda não nasceu ninguém que vá acabar comigo desse jeito – murmurou Honestino com raiva.

Logo chegou o Nilton com outro companheiro chamado Rafael. Alto, branco, de olhos claros, tinha refletido nele o estudante típico da classe média.

- Vão desistir da causa! – gritou com desprezo o recém chegado.

- O quê? Bandeira branca? – interrogou Honestino.

- Claro, o quê mais pode ser? – confirmou Rafael

Quando Dirceu terminou de reuni-los, colocando todo o grupo junto, Luisinho discursou. Acentuando sua arrogância de revolucionário, com voz firme disse:

- Não é que eu me considere o mais inteligente ou o mais indicado, mas quando dou uma ordem..., gosto de ser respeitado. Sou prático no terreno e se quiserem me seguir, sairemos todos juntos. Aconteça o que acontecer!

- Da minha parte não tem problema... pode mandar, se não se acovardar saindo dessa emboscada – comentou Rafael.

Luisinho o atravessou com um olhar profundo e sem responder continuou:

- Temos que sair daqui e roubar dois carros. Paramos num posto pra pegar gasolina e dali pé na tábua! A única saída é passar diante dos soldados que guardam a BR-02. Para desviar dos tiros, viramos para a esquerda e seguimos por uma estradinha que tem no caminho. Se vierem atrás, nós nos separamos e depois nos encontramos no cruzamento do caminho de Nova Iguaçu. Estão com medo?

- Vamos em frente! – foi a resposta unânime.

- Aos carros! – gritou Luisinho começando a marcha.

Conseguiram sair daquele lugar escondendo-se no meio da multidão enfurecida. Pararam dois carros que passavam naquele momento e, após entrar neles e expulsar os motoristas, Luisinho gritou: << Adiante!>>, os cinco estudantes, em disparada pelo caminho, deixaram tanta fumaça como aquele que foge da morte.

Quando conseguiram sair do centro da cidade, só se via um rastro de fumaça. Aparentavam um aspecto de importância, como os cavaleiros que com grande esforço entraram para a história. Com a confusão produzida entre os militares, assustados com o gesto desesperado, efetuaram disparos massivos, a granizada de balas ficou a quatro palmos dos pneus dos carros.

Desviaram para a esquerda e, alcançando a estradinha, conseguiram despistar os militares. Depois de um curto e frenético trajeto pela estrada, onde os efeitos do tiro inimigo eram duvidosos, o estudante da Guanabara ordenou:

- Abaixem-se e permaneçam nos carros!

Foi feito como Luisinho ordenava, só nesse momento comprovando que Honestino, tinto de sangue e com a clavícula perfurada, perdia a vida ruidosamente através de um ferimento. O ar do pulmão saía assobiando por um buraco enorme, produzindo uma espuma avermelhada que definitivamente o condenava em sua última fuga.

- Me deixem aqui! – disse -. A revolução, para mim, já acabou...

Seu organismo destruído se inclinava na aparente tranqüilidade do carro, sobre os bancos carnívoros que se nutriam com o sangue do ferido abandonado.

Luisinho observou seu camarada em silêncio. O pequeno herói de

várias causas que parecia impossível de se abater com um tiro. Estava sorrindo. De repente contou uma dúzia de soldados que os seguiam pelo caminho. Formavam uma barreira. Ao que tudo indica, com o propósito de bloquear a saída. Já não atiravam da barreira e a fuzilaria do centro da cidade, mingando nesse momento, se ouvia a uma grande distância.

- Parece que os de lá se rendem... e por aqui nos seguem uma dúzia de militares... Vamos nos livrar de uns dois ou três para poder dar os primeiros socorros para o Honestino...! – resmungou com raiva.

Fizeram um coquetel molotov e jogaram. Viram um dos carros bater. Atentos, ouviram as juras do resto da patrulha, logo um motor de carro se distanciando.

- Fugiram! – murmurou Luisinho dirigindo-se a Rafael –.

Leve-o no seu carro! Vamos deixá-lo na casa dele, aqui pertinho, pra que morra tranqüilo... Vamos!

À tardinha já tinham percorrido um longo trajeto apesar do ritmo lento que se viam obrigados por causa do ferido. Este, angustiado em sua agonia, sem reclamar, engatinhava em direção à morte no delírio de uma febre alta.

Com as últimas luzes da tarde, puderam contemplar os telhados de São Lourenço. Tinham que deixar Honestino e decidiram permanecer aquela noite na casa de Doralina, companheira de Luisinho. Estava a mais ou menos um quilometro da cidade, nas barrancas do Rio Verde e servia de refúgio para os estudantes, fugitivos e a todo adepto ao movimento que se encontrasse naquela região.

Doralina, mulher de Luisinho, era uma dessas mulheres que a natureza presenteou com suas cores, com a exuberância dos dias úmidos e o rumor cálido das noites de verão. Acostumada a situações semelhantes a atual, desde a chegada dos homens, deixou o filho de oito ou nove meses, para cuidar de Honestino. Realizou as curas elementares, próprias para as feridas de bala que recebem nas ruas, fugindo da justiça, unguentos, compressas e o curandeirismo empírico que atrasa a morte até o amanhecer.

Honestino, sem forças, de vez em quando perdia o conhecimento para recobrá-lo em um sorriso lívido que acentuava o azul de sua barba. Enquanto isso, Doralina explicava:

- As notícias que chegaram da Guanabara dizem que Vladimir se

rendeu com todos os outros líderes..., que vão levá-los pro Presídio Tiradentes... que vão fuzilá-los... que o embaixador Tuthill, enviou outra <<Mensagem>> dizendo que os revolucionários estão descontrolados..., que vão vir os aviões..., bom e já não me lembro de todas as outras coisas.

- Bah! Intriga..., pura intriga! – interrompeu Luisinho -. Sobre o Vladimir deve ser verdade, porque logo depois de escaparmos, cessava o tiroteio..., mas sobre o embaixador Tuthill, pura intriga do governo para que as pessoas se entreguem...!

- Escute Luisinho, sem menosprezar aos presentes, mas acho que deveríamos nos unir aos que estão em Niterói – propôs Nilton Santos.

- Voltar? Impossível! Seria ir de encontro com os militares por gosto – respondeu rápido Luisinho -. Gama e Silva agora tem a zona limpa para operar. Com Vladimir preso, as pessoas começam a se entregar..., e nós vamos encontrar com todo o exército na nossa cola, atrás da gente. Temos que atravessar Minas e entrar em São Paulo..., ali está Marcos Medeiros, que ainda não se entregou!

- Sou da mesma opinião – apontou Dirceu secamente.

O silêncio que seguiu dava razão a Luisinho. Só Honestino, no seu delírio, expressou temor de que o abandonassem. Rafael, dando-lhe uns tapinhas na perna, achou melhor consolá-lo:

- Não se preocupe: mesmo carregado, te levamos!

- Obrigado – sussurrou o ferido, ensaiando o sorriso do moribundo que engole a última mentira em forma de pílula.

Doralina foi preparar um pouco de café e algo para comer. Dirceu foi fazer guarda no atalho do caminho, preocupado com a febre de Honestino que <<provocava delírios>>; Luisinho carregou por um período curto o bebê, o filho passional da barranca solitária, logo o colocou no chão da cozinha, que era de chão batido, onde os animais se reviravam entre a fumaça e o barro. O menino grunhiu para os cachorros com a ferocidade precoce de quem nasce disputando com a vida o palmo de chão onde se arrasta.

Na primeira noite, chegou um homem para dizer: <<Não tenho novidades, mas andem com os olhos bem abertos, por via das dúvidas...! Mais tarde se apresentou um vizinho, o qual se supunha <<suspeito>>.

- Tá correndo que nem rastilho de pólvora que Vladimir entregou o movimento...! – disse – Se rumoreja a intervenção americana..., e no meu modo de

ver as coisas, se eu fosse você não andaria contando vitória: ninguém sabe o que pode acontecer. Ninguém! Siga meu conselho e levante acampamento que as coisas podem ficar quentes de verdade...

- Isso eu farei quando achar conveniente! – interrompeu arrogante o revolucionário.

- Você é o líder, você manda; mas estou avisando que estão limpando a região – continuou o vizinho fixando um olhar traidor sobre a postura antipática do fugitivo.

Quando desapareceu imerso na noite espessa de presságios e sonora de grilos, Luisinho ordenou:

- Nilton: vigie esse homem!

Houve um período de silêncio, atentos aos rumores distantes e ao vento que se afiava entre as frestas. A inquietude parecia ter se apoderado de seus espíritos, quando Nilton voltou fumando um cigarro. Sentou-se num banco e ofereceu o maço de cigarros que levava na camisa. O olhar de Luisinho o tirou de sua indiferença.

- Quis fugir e... tive que matá-lo – explicou lacônico.

- Você vai comprometer a todos nós...- objetou Rafael.

- Besteira! Se fosse na delegacia contar alguma coisa, nos comprometeria muito mais...

- Nilton tem razão! – interveio Luisinho -, nossas vidas ou a dele...isso é tudo.

Os aperitivos, um pouco de charque e uns tragos de cachaça, apressaram as primeiras horas da noite, na qual esperavam um <<desenlace fatal antes do amanhecer>>.

Antes de terminar a guarda de Dirceu, o qual seria substituído por Luisinho, Nilton e Rafael pareciam dois animais escuros que roncavam num canto do chão, junto com Honestino. A vida deste já não era mais nada além de uma flauta com um fraco sopro de ar.

Luisinho permaneceu em seu posto até um pouco mais de meia noite quando Nilton, em seu turno, veio fumar outro cigarro.

- Sabe de uma coisa? – disse -. Honestino já não vai mais acordar...

- Não...?

- Mesmo assim, quando Dirceu voltou da sua guarda, tocou a testa

dele e disse: <<Queimando de febre! Se continua assim não ouve o galo cantar!>> Fiquei acordado um bom tempo tocando-lhe de vez em quando... De repente foi ficando frio e frio... e frio! Quando chamei Dirceu e Rafael, já estava duro como alguém que morre na forca. Não abriu a boca nem pra pedir água! Depois, acabamos dormindo ao seu lado... Como não dava pra fazer um velório...!

O relato de Nilton fez com que Luisinho voltasse lentamente à casa. Passou pela sua mente a inquietação das responsabilidades. As idéias sendo filtradas por seu coração, o inundaram com a angústia do capitão que perde um homem.

Todos dormiam na casa escura e silenciosa. Acordou seus dois companheiros, furioso, sem saber por quê:

- Bárbaros! – gritou -. Dormindo como animais com um companheiro morto aí...

- E o quê você queria que a gente fizesse? – resmungou Dirceu -. Não podemos fazer nada por ele. Nadinha...!

- Cassetel!... Pelo menos uma vela!

- Pra quê, se o pobre já está sentado ao lado de Deus? Na melhor cadeira que existe no céu...!

As palavras de Dirceu vibraram por um longo tempo nos ouvidos de Luisinho, logo as repetiu como uma pequena oração cuja terna simplicidade comove.

Contemplou seus companheiros. Cansados, sujos, barbudos, sob a luz pareciam fazer sinais. Levantou-se, cobriu com um saco a cara cadavérica de Honestino, depois apagou a luz e deitou no chão para dormir, para roncar e embrutecer-se como eles.

Antes de amanhecer Doralina preparava o café e Rafael abria uma cova. Honestino fundiu-se à terra que o reclamava. Antes de cobri-lo, Luisinho lhe jogou sua pistola e Nilton seu boné de couro. Sobre o terreno remexido e úmido de orvalho, o resto do grupo se reuniu.

- Partiremos imediatamente – propôs Luisinho.

- Para onde? – perguntou Dirceu.

- Pelas aforas de Divinópolis, depois saindo perto de São João Del Rei; daí vamos em direção ao sul de Varginha rumo à Pouso Alegre... O quê vocês acham?

- Conhece bem o caminho, Luisinho? – perguntou Rafael.
- Ele tem conhecidos por essa região – explicou Dirceu.
- Pois sairemos ao amanhecer... A essa hora toda a região já sabe que estamos aqui! – resumiu Luisinho.

Os desígnios do sobrenatural que regem a alma humana assustavam Doralina; no seu silencioso ir e vir ocultava o sofrimento da separação com a transição matutina.

Amanhecia quando terminados os preparativos, entraram nos carros. Nesse momento chegou até eles, correndo, um menino parente de Doralina que ainda teve tempo de gritar. Fugam que estão vindo atrás de vocês! Os carros rompiam a neblina da madrugada, fugiam como fantasmas querendo amanhecer em outros lugares.

Mantendo um ritmo constante, próprio para uma viagem, avançaram por caminhos onde o verde, o azul e o violeta distante os envolvia pouco a pouco com a confiança dos caminhos familiares.

Os caminhos sinuosos iriam levá-los até o lado sul, onde uma parte da serra os aproximaria à lateral do Pico da Pedra da Mina, erguendo-se desde o fundo da Serra da Mantiqueira até perder-se nas nuvens nebulosas daquele 23 de junho de sessenta e oito.

Já tinham percorrido uma meia hora escassa de viagem, quando <<perceberam atrás deles>>, no caminho que deixavam nublado de fumaça cinza, uma pessoa fazendo-lhes sinais. Pararam os automóveis e viram a figura valente de Doralina. Com os olhos acesos e carregando o bebê amarrado numa manta que estava presa ao pescoço, falou em tom humilde:

- Tive que vir..., tive que vir.
- Explique! O quê aconteceu? – perguntou Luisinho alterado.
- Nada. É que me prenderiam também! Você sabe como os militares estavam me procurando..., continuo com vocês até encontrar um lugar onde não me persigam... Tudo bem?

A lealdade e a decisão davam ao seu rosto uma luz que inspirava confiança e um brio de valentia. Luisinho consultou seus companheiros com o olhar. O grito grosso e viril soltado pelos três homens significava que todos estavam de acordo.

O automóvel que trouxe Doralina foi embora e ela se juntou a Luisinho.

Tirando os buracos, as lombadas e as curvas, a viagem fez-se vertiginosa. Com a mão direita ela segurava o Bebê, com a esquerda se agarrava ao carro. O orgulho de Luisinho, nascendo do perigo, fez com que ele se estremecesse ao sentir-se dono daquela mulher corajosa, talvez, vibrando de emoção ao seu lado...

- Vire para a direita! – gritou para Rafael que estava no carro da frente.

- Tem uma cerca de arame.

- Passa por cima...!

Rafael parou e cortou a cerca com um alicate que levava com ele. Cortou os quatro fios de arame com facilidade. Quando o carro de Luisinho passou, voltou ao seu carro e tomou a dianteira.

Passaram por caminhos privados, campos, estradas e até mesmo por lugares pedregosos; ouviram notícias mais ou menos verdadeiras aqui e ali, boas, más, contraditórias, mas sempre obscuras. Parecia que ninguém podia situar as forças do governo; uns diziam <<aí pertinho o caminho esta ocupado>>, outros, << siga em frente que não tem ninguém...>> Perto das dez da manhã fizeram uma parada na casa de uns conhecidos de Luisinho, onde lhes prepararam o almoço. Os carros já não tinham muita gasolina e os pneus estavam em mau estado. Precisavam de gasolina e rodas novas.

O velho Astrogildo, veterano do movimento, informou-lhes:

- Ao redor da serra não tem militares, mas na região só tem dois caminhos... Logo, no cair da tarde, eles vão em direção ao caminho da Estrada Real e vão dormir no quartel de lá...

- Se não fosse pela gasolina...! – murmurou Luisinho.

- E eu não tenho nada aqui porque estou sem carro, sabe? O melhor é que vocês durmam de dia e sigam viagem de noite; o governo e a lei dormem cedo...!

- Com muitos militantes presos o melhor seria estar amanhã em São Paulo...

- Você é quem sabe, mas acho uma loucura – objetou Astrogildo deixando claro com um gesto o impedimento de Doralina e do bebê.

- Nada a ver! Se ela quis vir, agora tem que seguir..., porque se for presa, vai ser torturada.

- Bom, Luisinho, saiba que é a pele de vocês que está em jogo. Sempre é possível consertar um buraco, mas a morte ninguém conserta.

Por isso temos que mudar de ares, em São Paulo, ainda ninguém nos conhece muito bem...

Às duas da tarde voltaram aos carros, mesmo sem muita gasolina. Praticamente na reserva, segundo Nilton. Perto das cinco, em ritmo lento, ainda não tinham percorrido um caminho considerável. Mesmo aproveitando atalhos e contornando os lugares intransitáveis. Iam acampar numa clareira no meio da serra, quando Rafael, que ia adiante, gritou <<inimigos a vista e para cima da gente!>>

Foi inútil tentar dar a partida nos carros; o barulho do motor indicava que estavam totalmente sem gasolina. Praticamente nem faziam barulho ao virar a chave. O de Luisinho, que depois de muito esforço pegou, não chegou nem a sair do lugar.

- Para dentro da serra, como puderem! – ordenou este, enquanto ajudava Doralina.

Os militares se aproximavam, adivinhando o movimento dos fugitivos e foram por uma direção que daria justo no lugar da serra onde eles pensavam esconder-se. Luisinho ordenou que se escondessem num campo que rodeava a pequena colina onde estavam.

- Eu vou dar muito trabalho para que consigam capturar a gente aqui! – grunhiu Dirceu no momento em que ouviu o primeiro disparo dos militares.

- Sacanagem! Ficar sem os carros no momento em que mais precisávamos deles!

- Não se preocupe Luisinho – comentou Rafael animado -, na serra os militares sempre levam a pior...

- São dez soldados e um sargento – interrompeu Nilton Santos -, Vão poder rastrear o enfrentamento que vamos ter aqui desde Barbacena!

Luisinho apertou a pistola, olhou Doralina, seu filho e uma contração de raiva atravessou seu rosto:

- Viu só como você atrapalhou a gente? – resmungou -, não sobraria ninguém pra contar a historia... se não fosse...! Bah!

- Silêncio! Se aproximam. Todo mundo agachado! – avisou Nilton.

- Quando se afastarem... corram pra colina! Recomendou Luisinho.

Os militares seguiram o rastro fresco pelo chão, estavam a menos de cinco palmos. Algumas das suas palavras chegavam até os fugitivos: <<Luisinho>>, << José Dirceu>>, << telefone>>, em seguida as gargalhadas que ecoavam na

serra.

O estudante da Guanabara preparou um coquetel molotov, aquele coquetel lhe fez lembrar o que Vladimir tinha lhe dado.

- Pode ter certeza que vivos não nos pegam, Luisinho – disse Rafael fazendo florescer as frases da Guanabara no cérebro exaltado de Luisinho.

- Sinto não ter fumado todos os cigarros que peguei daquele estudante.. – se queixava Nilton um pouco inconformado, logo, por casualidade, seus olhos pousaram sobre Doralina, que segurava o bebê nos braços.

Um pressentimento ruim se apoderou de seu cérebro. Voltou a olhar a criança e ficou incomodado. O destino, parece que para certificar a precisão dos seus temores, fez com que o Bebê, até este momento tranqüilo, começasse a demonstrar sinais de choro.

Todos se olharam, uns aos outros, pálidos, apertando as armas e os dentes. A eventualidade de morrerem juntos parecia uni-los numa corrente de compreensão, o pulso firme das grandes decisões comunicou a mensagem precisa: <<Até o fim>>. Então o sorriso floresceu nos lábios de todos, menos nos de Luisinho, que se mantinha num silêncio sombrio.

Um grito do Bebê, cristalino, puro como um toque de clarim, rompeu com o silêncio do monte. Doralina, pálida e sem saber o que fazer, com os pensamentos paralisados, colocou uma mão sobre a boca do filho.

Os militares ouviram os gritos, olharam na direção, seus ouvidos fizeram caracóis; em seguida vasculharam a mata com mais vigor. Aproximavam-se.

- Luisiiinho... Se entregue!... Vai ser melhor para vocêêêê! – gritaram.

O estudante apertava os dentes de raiva. Sabia que se estivessem sozinhos, partiriam para a violência. Logo lembrou das palavras do traidor de São Lourenço: <<Você é o líder, você manda...>> e as do velho Astrogildo: <<... é a pele de vocês que está em jogo>>, <<é uma loucura viajar de dia..., devem viajar pela noite>>. Maldito destino! Quis confiar em mim e me nomear o líder... Me seguirem cegamente pra isto! Pra deixar que me capturem numa emboscada...

Outro grito do Bebê fez com que ele ficasse fora de si.

- Cale a boca dessa criatura! – gritou.

Doralina tapou a boca, o nariz e o rostinho do Bebê com toda a sua mão, com toda sua força. O olhar de Luisinho tinha feito com que ela se estremecesse. Contra sua vontade, obedecia as ordens daquele que estava pronto para perder a

vida por um capricho, mas incapaz de arriscar a vida daqueles que estavam sob sua liderança. Sentindo-se culpada e alienada, apertou o terno rostinho da criança com ainda mais força. Seus olhos se nublaram como quando se banhava no rio e via as coisas turvas dentro da água, seu coração estava apertado... e apertou mais forte.

Logo ouviu como num sonho: <<se afastam>>, <<agora podemos chegar à colina!>>, <<...tarde demais, já não é necessário...>>

Quando achou que compreendia, já estava rodeada pelos estudantes pálidos, desgrenhados e silenciosos dos pesadelos de água. Nos seus braços segurava o cadáver do bebê, roxinho pela asfixia.

Ninguém disse uma palavra, nem ela. Deixaram o tempo passar.

Ao escurecer, Luisinho chamou Dirceu para conversar:

- As forças do governo estão acampadas ao redor do caminho. Pelas observações que fiz, não vão sair de lá até nos encontrarem... eles têm ordens de acabar com a gente como cães sem dono. Antes de amanhecer vão estar outra vez aqui. Encurralados nesta parte da serra e sem meio de transporte, ninguém pode escapar..., por isso vou desorientá-los, fazendo com que sigam por outro caminho. Se me matarem, assuma a liderança e cuide de Doralina...! Até logo!

Durante o silêncio da primeira noite os fugitivos acamparam ao redor da colina. A preocupação, a expectativa e a morte os mantinham calados. Por volta das nove ouviram um forte tiroteio na direção do caminho da Estrada Real, logo ouviram um tiro isolado como se fosse de uma pistola.

- Está morto...- murmurou Dirceu fazendo o sinal da cruz.

Nilton e Rafael, imitando o gesto de Dirceu, adivinharam a fuga da alma de Luisinho até uma estrela distante. Doralina, ainda com o filho morto nos braços, interrogou com o olhar, mas já era o olhar perdido da caçadora de almas no infinito.

Bem longe se ouvia o rumor de um pelotão em retirada.

Dois dias depois, um dos jornais do Estado da Guanabara, publicava a seguinte notícia:

<<Em um feroz confronto sustentado nas proximidades de São João Del Rei, as tropas do governo foram obrigadas a reagir e acabaram matando alguns estudantes. Entre os mortos abandonados no caminho pelos próprios estudantes, foi encontrado o do estudante Luisinho, líder do grupo, nascido no Estado da Guanabara. O corpo foi trasladado ao citado Estado.

No confronto os militares perderam cinco homens, tendo que lamentar também a irreparável perda do sargento Nelson de Barros, muito conhecido nesta localidade.>> - O correspondente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomei conhecimento do conto de Carlos Enríquez em 2007 quando estava lendo uma seleção de contos cubanos. No momento em que li *La Fuga* tive certeza de que seria o conto utilizado no meu trabalho de conclusão de curso. Apesar da dificuldade de encontrar informações sobre o autor e sobre o conto, achei conveniente manter a escolha devido à densidade da história e as possibilidades de tradução que ele oferece.

No início considerava que a primeira tradução seria muito mais fácil que a segunda. Ao terminar o trabalho concluo que ambas são difíceis. A primeira pelo fato de que o conto foi escrito na primeira metade do século XX e apresenta muitas expressões regionais difíceis de serem encontradas e conseqüentemente traduzidas, além de ser utilizado um vocabulário próprio do meio rural cubano e bastante próximo à fala e também de apresentar vários dados geográficos. A segunda tradução também foi bastante complexa pelo fato de que tive que criar um novo contexto para a história.

Este trabalho foi idealizado tendo como objetivo mostrar que uma tradução pode ser realizada de diferentes maneiras, dependendo do receptor deste texto. Uma tradução que terá como leitor garotos de doze anos não será igual a uma para estudantes universitários. É inviável pensar, nos dias atuais, que um texto só pode apresentar uma única leitura e com isso, uma única tradução.

Vermeer, nos anos oitenta, já havia percebido que um texto oferece várias possibilidades de tradução e que dependendo do receptor alguns itens devem ser modificados. A partir desta maneira não logocêntrica de perceber o mundo concebeu a Teoria do Escopo, que é de grande importância por ser uma teoria geral de tradução. A partir dela podemos, com maior facilidade, contornar os “problemas” de tradução que muitos textos oferecem. De acordo, é claro, com o escopo almejado por cada tradutor. É claro que cada tradutor deve ser sério no seu trabalho e investigar profundamente o texto que será traduzido além de estudar com riqueza de detalhes cada opção escolhida por ele.

Espero que a partir da leitura das duas traduções e deste trabalho, a visão já cristalizada por muitos de que tradução só pode ser realizada de uma maneira, mude. Cada texto oferece inúmeras possibilidades de tradução, dependerá

de quem será o receptor. Por isso, além de estudar com muita atenção o texto de partida, é necessário estudar com igual atenção o meio que o receberá.

BIBLIOGRAFÍA

BEIGUELMAN, Paula. *O Pingo de Azeite: A Instauração da Ditadura*. São Paulo, SP: Editora Perspectiva, 1994.

BLANCO, Abelardo; DÓRIA, Carlos A. *Revolução Cubana: de José Martí a Fidel Castro (1868 – 1959)*. São Paulo: Brasiliense. 1982.

BUENO, Salvador (Selección, prólogo y notas); *Cuentos Cubanos del Siglo XX (Antología)*. La Habana: Editorial Arte y Literatura, 1975.

COSTA, Reginaldo. *1968: Uma Lembrança Necessária*. Disponível em: < http://socio.org/index.php?option=com_content&view=article&id=376:1968-uma-lembranca-necessaria&catid=45:historia&Itemid=62>. Acesso em 05/05/2008.

DICCIONARIO DE LA REAL ACADEMIA. Disponível em: <<http://www.rae.es/rae.html>>.

DICIONÁRIO AURÉLIO eletrônico; século XXI. Rio de Janeiro, Nova Fronteira e Lexicon Informática, 1999, CD-rom, versão 3.0.

CODATO, Adriano Nervo. *O Golpe de 1964 e o Regime de 1968: Aspectos Conjunturais e Variáveis Históricas*. Disponível em: <<http://calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/article/viewFile/2735/2272>> Acesso em 05/05/2008.

DULLES, John W. F. *Carlos Lacerda. A vida de um lutador*. Vols. 1 e 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

FREITAS, Artur. Arte e movimento estudantil: análise de uma obra de Antonio Manuel. *Revista Brasileira de História* vol.25 n°.49, São Paulo jan./june 2005.

GAIO, André Moysés. *Afinidades eletivas entre a União Democrática Nacional (UDN) e as Forças Armadas brasileiras*. In: *Revista Diálogos*, Vol. 6. Universidade estadual de Maringá.

GARCÍA, Luis Navarro; *La Independencia de Cuba*. Madrid: Editorial MAPFRE, 1992.

HOROWITZ, Irving Louis; *A Universidade e a CIA: Um Dilema para a Ciência Social*. In: *Revista Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, ano 3, no 13, p. 45-56, maio de 1967.

LACERDA, Cláudio. *Carlos Lacerda: 10 anos depois*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

_____. *Carlos Lacerda e os anos sessenta: oposição*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

LAROUSSE electrónico; *Gran Diccionario de la Lengua Española*. Editorial Larousse S.A. y Planeta Actimedia S.A., 1998

MANFREDINI, Luiz. *Nós, de Estilingue, Atrás das Barricadas*. Disponível em: < <http://capufpr.wordpress.com/2008/02/15/nos-de-estilingues-atras-das-barricadas/>>. Acesso em: 01/05/2008.

MENDONÇA, Marina Gusmão de. *O demolidor de presidentes. A trajetória política de Carlos Lacerda: 1930-1968*. São Paulo: Códex, 2002.

MARÍA MOLINER . *Diccionario de Uso del Español*. 2ª edición. Madrid: Editorial Gredos, 2001.

MOTTA, Marly. *A Política como a Arte de Conciliar*. Disponível em: < http://www.cpdoc.fgv.br/nav_jk/htm/O_Brasil_de_JK/A_politica_como_a_arte_de_conciliar.asp>. Acesso em: 01/05/2008.

ORTEGA, Ignacio Cruz. *Más Allá de la Luz Tropical*. Disponível em: < http://www.cmbfradio.cu/cmbf/plastica/plastica_000435.html>. Acesso em 01/05/2008.

RAJAGOPALAN, Kanavillil; *Traição versus Transgressão: reflexões acerca da tradução e pós-modernidade*. In: ALFA - Revista de lingüística, vol. 44. São Paulo: Fundação Editora da UNESP. 2000; p.123-130.

REIS, Daniel Aarão, Marcelo Ridenti e Rodrigo Patto Sá Motta (orgs). *O golpe e a ditadura militar: 40 anos depois (1964-2004)*. Bauru: EDUSC, 2004.

REISS, Katharina; VERMEER, Hans J. *Fundamentos para una teoría Funcional de la Traducción*. Madrid: Ediciones Akal, 1984 / 1996.

SÁNCHEZ, Juan. *La ráfaga luminosa: 1934*. Disponível em: < http://lajiribilla-habana.cuba.cu/2007/n328_08/328_16.html>. Acesso em: 01/05/2008.

SELSER, Gregório. *Cronologia Imperial - Ahí Vienen Los "Marines"*. Disponível em: <http://www.choike.org/documentos/selser_cronologia.pdf>. Acesso em 30/05/2008.

SUÁREZ, Dominga González. *Raíces del Prejuicio Norteamericano en Cuba*. Disponível em: <<http://www.septg.org/symposio/sim29/arc29/mult02.htm>>. Acesso em 30/05/2008.

Universidade Federal do Paraná. Sistema de Bibliotecas. *Citações e notas de rodapé*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2007.

Universidade Federal do Paraná. Sistema de Bibliotecas. *Redação e editoração*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2007.

Universidade Federal do Paraná. Sistema de Bibliotecas. *Referências*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2007.

Universidade Federal do Paraná. Sistema de Bibliotecas. *Teses, Dissertações, Monografias e Trabalhos acadêmicos*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2000.

VALLE, Maria Ribeiro do; 1968: *O diálogo é a violência - Movimento estudantil e ditadura militar no Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.

VENTURA, Z., op. cit., p.109-64; MARTINS FILHO, J. R. *Movimento estudantil e ditadura militar*. 1964-1968. Campinas: Papyrus, 1987.